

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

Atena  
Editora  
Ano 2022

**Vol 2**

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

  
Atena  
Editora  
Ano 2022

**Vol 2**

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Américo Junior Nunes da Silva  
 Ilvanete dos Santos de Souza  
 Ismael Santos Lira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 2 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Ismael Santos Lira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0711-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.119222511>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lira, Ismael Santos (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Temos alguns pilares que inspiram a organização deste livro: o reconhecimento da educação enquanto fenômeno social, as perspectivas que permeiam o processo educacional, harmonizando com o reconhecimento de tendências que forjam a educação como um campo de pesquisa multidisciplinar em contínua e necessária evolução.

Pensarmos a educação enquanto fenômeno social nos conduz a considerar como não triviais o contexto cultural e tudo que dele decorre: os hábitos compartilhados socialmente, os valores morais que identificam uma coletividade específica, as crenças que a mantém coesa. Durkheim (1985), já no início da constituição da Sociologia como disciplina acadêmica, chamava atenção para o fato social como aquilo que perpassa pelos modos de pensar, agir e sentir; que reverberam sobre os indivíduos, exercendo uma “força” sobre as adaptações as regras socialmente estabelecidas. A educação, por exemplo, é um fato social, pois durante todo esse processo os indivíduos vão se desenvolvendo enquanto sujeitos e preparando-se para a vida em sociedade.

Nesse novo século, temos como tendências (não apenas essas), para as práticas pedagógicas, o uso cada vez mais acentuado das tecnologias digitais da comunicação e informação, como a cultura maker, a gamificação e a realidade virtual, destaque para atividades escolares que busquem, de fato, o protagonismo dos estudantes como, por exemplo, a aprendizagem baseada em problemas. Essas tendências estão sendo implementadas, mesmo que timidamente, em algumas instituições de educação ao redor do mundo.

Nesse cenário, viu-se ainda com mais clareza a necessidade de rever o processo formativo dos professores a fim de atender as demandas curriculares e pedagógicas. Cabe aqui localizar o leitor quanto ao contexto social em que os estudos, aqui apresentados, foram gestados. Trata-se de um período pós-pandêmico em que ainda buscamos adaptações para uma nova realidade decorrente de um fenômeno que acentuou ainda mais as desigualdades sociais tais como o acesso à tecnologia e infraestrutura precária das escolas.

As reflexões tecidas nesta obra, intitulada: “**A Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências**” trazem algumas discussões cujo foco problematiza a educação em diferentes contextos, inclusive o pandêmico, a Educação Matemática Inclusiva, a formação de professores, entre outros.

Dessa forma, convidamos os interessados nos diferentes fenômenos que compõem a educação enquanto prática social enriquecida pelos múltiplos contextos no qual se desenvolve, a refletir à luz desta obra, suas perspectivas e tendências. Esperamos ainda, que ao explorar esse volume, os estudos nele contido possam promover outras investigações e compartilhamentos sobre as

nuances que compõe a educação. Esperamos ter aguçado sua curiosidade sobre as temáticas aqui apresentadas. Portanto, vamos começar?

Américo Junior Nunes da Silva  
Ilvanete dos Santos de Souza  
Ismael Santos Lira

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DESIGNING WORKSHOPS ON CIVIC CULTURE FOR INCLUSIVE TRANSMEDIA STORYTELLING	
Ismael Cardozo Rivera Aurora Madariaga Ortuzar	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225111">https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225111</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
DISSENSOS E CONSENSOS ENTRE O PROGRAMA DE ENSINO INTEGRAL E O ENSINO REGULAR	
Fábio Junior Pinheiro da Silva Juliani Andreia Garcia Caltabiano Thiago Teiji Machado Juliana Marcondes Bussolotti Patrícia Cristina Albieri de Almeida Ana Maria Gimenes Corrêa Calil	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225112">https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225112</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
CONCEPCIONES DE LOS ESTUDIANTES RESPECTO AL USO DE LA WIKI	
Ladislao Romero Bojórquez Alejandra Utrilla Quiroz Mariana Consuelo Romero Utrilla	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225113">https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225113</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
EFEITOS PSICOSSOCIAIS E EDUCACIONAIS NA CRIANÇA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL - INTERVENÇÃO NEUROPSICOPEDAGÓGICA	
Sara dos Santos Nunes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225114">https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225114</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E DE LETRAMENTO COMO INDICADORES DE METODOLOGIAS PARA APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA	
Simone de Souza Vanessa Freitag de Araújo Paula Roberta Miranda	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225115">https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225115</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
EM DEFESA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: UM EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO	
Dennys Gomes Ferreira João Guilherme Rodrigues Mendonça	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225116">https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225116</a>	

**CAPÍTULO 7 .....70**

ENSINO E PESQUISA FORMANDO ATRAVÉS DOS VALORES NO PIBIB:  
INGRESSO DO ESTUDANTE NO UNIVERSO DO FRANCÊS

Inalda Maria Duarte de Freitas

Ana Maria de Freitas Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225117>

**CAPÍTULO 8 .....78**

ESTILO DE PENSAMIENTO Y LOGRO DE APRENDIZAJE EN ESTUDIANTES  
DE LA CARRERA PROFESIONAL DE EDUCACIÓN PRIMARIA DEL  
INSTITUTO SUPERIOR PEDAGÓGICO PUNO

Eliana Lisbeth Arce Coaquira

Ronald Raul Arce Coaquira

Solime Olga Carrión Fredes

Apolinar Florez Lucana

Daniel Quispe Mamani

Newton Edgar Yanapa Quispe

Juan Mauricio Pilco Churata

Yerko Ademir Boza Condorena

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225118>

**CAPÍTULO 9 .....92**

FAKE NEWS NO ENSINO REMOTO: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DO  
ENSINO MÉDIO DO ESTADO MARANHÃO

Marcia Amelia Gaspar Matos

Vicente de Paula Campos Freitas

Nayane de Jesus Pinheiro

Cristiane Silva Gonçalves

Mariana Guelero do Valle

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1192225119>

**CAPÍTULO 10..... 103**

AVALIAÇÃO DO ENSINO NA FORÇA AÉREA: ANÁLISE DA ARTICULAÇÃO  
ENTRE O CURRÍCULO E A PRÁTICA DOCENTE

Maria Alessandra Lima Moulin

Paulo Pereira Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251110>

**CAPÍTULO 11 .....118**

GAMIFICAÇÃO: ESTRATÉGIA ATIVA PARA A PROMOÇÃO DA  
APRENDIZAGEM MATEMÁTICA POR MEIO DA TECNOLOGIA

Aline Lima de Oliveira

Carlos Eduardo da Silva Rodrigues

Amanda Pereira Santana

Adailto Raimundo Muniz da França

Bárbara Paula Bezerra Leite Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251111>

**CAPÍTULO 12..... 135**

**DIDÁTICA – ANÁLISE CONCEITUAL**

Adelcio Machado dos Santos  
 Rubens Luís Freiberger  
 Daniel Tenconi  
 Danielle Martins Leffer  
 Alisson André Escher

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251112>

**CAPÍTULO 13..... 144**

**DISEÑO E IMPLEMENTACIÓN DE ESTRATEGIAS DIDÁCTICAS EFICACES PARA EL APRENDIZAJE DE LOS GRUPOS FUNCIONALES DE QUÍMICA ORGÁNICA EN LA SECUNDARIA**

Amanda Lucía Quiroga González

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251113>

**CAPÍTULO 14..... 153**

**CONTOS DE FADAS COMO PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Gabriela Aparecida de Lima  
 Maria Luiza Batista Bretas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251114>

**CAPÍTULO 15..... 173**

**BANQUETE DE LEITURA: A IMPORTÂNCIA E A NECESSIDADE DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CIDADÃ**

Ana Rita de Almeida Neves  
 Antonio Jorge Sena dos Anjos  
 Kenya Costa Pinto dos Anjos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251115>

**CAPÍTULO 16..... 179**

**GIRA, GIRA, GIRANDO: REINVENTANDO METODOLOGIAS NA RODA PARA ESCUTA DE NARRATIVAS DE MULHERES QUILOMBOLAS**

Márcia Evelim de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251116>

**CAPÍTULO 17.....191**

**GÊNERO, SEXUALIDADE E BULLYING: OS REFLEXOS DO PRECONCEITO E DA DISCRIMINAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Dennys Gomes Ferreira  
 João Guilherme Rodrigues Mendonça

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251117>

<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>206</b>
HISTÓRIA DOS NÚMEROS INTEIROS COMO REGÊNCIA PARA O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Herlaine Estefani Barros Neris	
Aléxia Duarte Drefs	
Danielly Barbosa de Sousa	
Abigail Fregni Lins	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251118">https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251118</a>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>219</b>
IMPACTOS NA PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADES FÍSICAS E ADESÃO À BUSCA DE OUTRAS FORMAS DE TREINAMENTO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL DESENCADEADO PELO COVID-19	
Ugo Gonçalves de Moraes	
Edson Torres de Freitas	
Matheus de Jesus	
Rafael Ventura	
Fabrício Madureira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251119">https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251119</a>	
<b>CAPÍTULO 20 .....</b>	<b>231</b>
EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO DE FINANÇAS PESSOAIS	
Raquel Virmond Rauen Dalla Vecchia	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251120">https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251120</a>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>239</b>
INOVAÇÃO DE INSTRUMENTOS AVALIATIVOS COMO MEIO PARA MELHORAR A AQUISIÇÃO DA LEITURA NA LINGUAGEM ESCRITA DO ESTUDANTE COM AUTISMO	
Lindinalva Maria Silva D'Abreu	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251121">https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251121</a>	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>251</b>
GENÉTICA PELAS MÃOS: MODELO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GENÉTICA AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS	
Lana Dias da Silva	
Eliana Michelle Paviotti-Fischer	
Karla Beatriz Lopes Baldini	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251122">https://doi.org/10.22533/at.ed.11922251122</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>259</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>261</b>

# GÊNERO, SEXUALIDADE E *BULLYING*: OS REFLEXOS DO PRECONCEITO E DA DISCRIMINAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Data de aceite: 01/11/2022

### **Dennys Gomes Ferreira**

Mestrando em Educação Escolar, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional, da Universidade Federal de Rondônia – PPGEEProf/UNIR. Gestor Escolar e Professor de Carreira da Secretaria de Educação e Desporto – SEDUC-AM e Secretaria Municipal de Educação – SEMED/MANAUS. C. <http://lattes.cnpq.br/6528147702257578>

### **João Guilherme Rodrigues Mendonça**

Doutor em Educação Escolar, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Mestrado e Doutorado Profissional da Universidade Federal de Rondônia - PPGEEProf/UNIR. C. <http://lattes.cnpq.br/4283910757526854>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar textos no campo da educação vinculados à temática *bullying* e preconceito, como leitura obrigatória da Disciplina Tópicos Especiais em Educação: Educação Escolar, Formação e Teoria Crítica – Formas de Violência Escolar: *Bullying* e Preconceito, ofertada para alunos não-regulares do

Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM), no período de 02 de Setembro a 15 de Dezembro de 2021. Fundamentamos a discussão dos textos apresentados pela disciplina a partir da revisão bibliográfica, considerando os diferentes autores que compõem as bases conceituais relacionadas à violência escolar, com produção intitulada “Formas de violência Escolar: *Bullying* e Preconceito” de Crochík (2015). O artigo também faz um recorte sobre gênero e sexualidade, demonstrando o quanto tais práticas refletem no desencadeamento da discriminação e do preconceito, resultando em ocorrências de *bullying* no contexto escolar. A experiência dos mestrandos em rodas de conversa e análise dos textos revelou que questões relacionadas à temática preconceito, como definições e conceitos, inclusão e respeito, e desenvolvimento de igualdade social corroboram entre si. Já, considerando-se as análises e discussões dos artigos relacionado ao *bullying*, evidenciou-se no contexto escolar e social a presença da violência, de diversas formas. A análise e a discussão dos artigos relacionados ao *bullying* e ao preconceito apresentaram

fragilidades no aprofundamento de mudanças necessárias socioeducativos e culturais, além do comportamento sociocultural. Consideramos que a disciplina Tópicos Especiais em Educação: Educação Escolar, Formação e Teoria Crítica – Formas de Violência Escolar: *Bullying* e Preconceito, ao propor textos de artigos científicos relacionados a formas de violência, *bullying* e preconceito, possam contemplar estudos que contribuam para uma revisão conceitual, ampliando para a contextualização da práxis pedagógica na escola que incluam intervenções pedagógicas efetivas de modo a neutralizar, coibir e extinguir toda a forma de violência, *bullying*, e contemplando o processo de inclusão e de acolhimento à diversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Bullying*. Gênero. Sexualidade. Discriminação. Preconceito.

## GENDER, SEXUALITY AND BULLYING: THE REFLECTIONS OF PREJUDICE AND DISCRIMINATION IN THE SCHOOL CONTEXT

**ABSTRACT:** This article aims to analyze texts in the field of education related to bullying and prejudice, such as mandatory reading of the Subject Special Topics in Education: School Education, Training and Critical Theory – Forms of School Violence: Bullying and Prejudice, offered to non-school students. Regular courses of the Graduate Program in Education, Master's and Doctorate in Education at the State University of Maringá (PPE/UEM), from September 2 to December 15, 2021. We base the discussion of the texts presented by the discipline from the literature review, considering the different authors that make up the conceptual bases related to school violence, with a production entitled “Forms of School Violence: Bullying and Prejudice” by Crochik (2015). The article also makes a cut about gender and sexuality, demonstrating how much such practices reflect in the triggering of discrimination and prejudice, resulting in bullying occurrences in the school context. The experience of the master's students in conversation circles and text analysis revealed that issues related to the theme of prejudice, such as definitions and concepts, inclusion and respect, and the development of social equality corroborate each other. On the other hand, considering the analyzes and discussions of the articles related to bullying, the presence of violence was evidenced in the school and social context, in different ways. The analysis and discussion of articles related to bullying and prejudice showed weaknesses in the deepening of necessary socio-educational and cultural changes, in addition to sociocultural behavior. We consider that the subject Special Topics in Education: School Education, Training and Critical Theory - Forms of School Violence: Bullying and Prejudice, when proposing texts of scientific articles related to forms of violence, bullying and prejudice, can contemplate studies that contribute to a review concept, expanding to the contextualization of pedagogical praxis at school that include effective pedagogical interventions in order to neutralize, curb and extinguish all forms of violence, bullying, and contemplating the process of inclusion and acceptance of diversity.

**KEYWORDS:** Bullying. Genre. Sexuality. Discrimination. Preconception.

## 1 | INTRODUÇÃO

O propósito desse artigo é descrever as experiências vivenciadas na disciplina “da Disciplina Tópicos Especiais em Educação: Educação Escolar, Formação e Teoria Crítica

– Formas de Violência Escolar: *Bullying* e Preconceito”, a partir do estudo de diversos textos de autores, tais como: Adorno, Crochík, Horkheimer, entre outros, que possibilitaram refletirmos sobre a nossa prática pedagógica numa perspectiva de ressignificação da nossa atuação docente.

O ponto de partida para esse diálogo surgiu das discussões realizadas durante as aulas, por meio de rodas de conversa e debates colaborando para a troca de experiências e vivências pertinentes ao nosso fazer pedagógico em sala de aula, tornando cada momento enriquecedor para a nossa aprendizagem.

No decorrer da disciplina, realizamos um sobrevoo por diversos temas, a partir dos textos sobre violência social e violência escolar: a formação de professores e de alunos; Conceito de preconceito a partir da teoria crítica da sociedade; Teoria e estudos sobre o preconceito: determinações sociais e psicológicas; Conceito de *bullying*; Formas de enfrentamento ao preconceito e ao *bullying* e Educação escolar contra a barbárie; educação inclusiva e para autorreflexão.

Durante o seu desenvolvimento, trabalhamos textos importantes que geraram profundas discussões no campo da educação, porém, um texto nos provocou a debater no presente artigo, pela relação com o Projeto de Pesquisa que estamos desenvolvendo, pela experiência que nos proporcionou e pelo conhecimento adquirido a respeito da temática. Trata-se do texto intitulado “Formas de violência escolar: Preconceito e *Bullying*”, do autor José Leon Crochík (2015). Por essa razão este artigo será desenvolvido na perspectiva de apresentar as duas formas de violência escolar, *bullying* e preconceito que, muitas vezes, são desencadeadas por questões envolvendo gênero e sexualidade. Ressaltamos que outras obras também contribuíram para esta discussão.

Entendemos que o contexto escolar envolve diferentes experiências que vão além das disciplinas estudadas em sala de aula. Ocorre também na informalidade das múltiplas relações e acontecimentos que se dão no dia a dia da vida na instituição, como no caminho da escola, no recreio, na aula de Educação Física, nos corredores e, sobretudo, o que se passa e o que se faz nos corredores, entre outras questões que envolvem esse cenário.

Nessa perspectiva, é necessário estarmos preparados para os acontecimentos do cotidiano escolar, situações que muitas vezes podem fugir daquilo que planejamos. Portanto, é necessário estarmos prontos para lidarmos com tais situações pedagogicamente, como por exemplo: o preconceito e a discriminação entre alunos/as, envolvendo questões de orientação sexual.

A diversidade sexual é uma realidade que se faz presente na nossa sociedade, motivo pelo qual é importante discutirmos esses temas numa perspectiva inclusiva e de respeito ao próximo independentemente das diferenças que possam existir. Assim teremos uma sociedade menos preconceituosa, em que todos possam viver em harmonia independentemente da sua sexualidade, tendo os seus direitos preservados e garantidos.

É importante ressaltar que a população brasileira é composta pela diversidade

sexual e de gênero, da qual faz parte uma pluralidade de sujeitos e formas de vivenciar seu próprio eu, transgêneros, gays, lésbicas, heteronormativos, assexuados, não-binários, e muitos outros que não se veem encaixados em um rótulo, mas que se encontram no espectro de gênero e sexo da sua própria forma.

Essa pluralidade extrapola gênero e sexualidade, uma vez que os entrecruzamentos próprios dos direitos humanos ampliam a multiplicidade de atores sociais acarretando diferentes níveis de exclusão, de preconceito e de discriminação, tais como a etnicidade, a pluralidade de raças, as classes sociais, a diversidade religiosa.

O preconceito étnico, dirigido a judeus e a negros, e o preconceito contra pessoas com deficiência intelectual ou física são relacionados, mas há relação maior entre os alvos de um mesmo tipo de preconceito do que entre alvos de tipos distintos de preconceito. Se determinado desejo ou medo podem ser suscitados pelo alvo do preconceito, mesmo que esses sejam da ordem da ilusão ou da alucinação, há um estereótipo específico direcionado a esse alvo (CROCHÍK, 2004).

Cada ser humano é único e não pode ser definido por um individual aspecto de seu ser, sendo certo que diversas características se unem para o conformar, podemos assim falar em indígenas, pardos, afrodescendentes, brancos, orientais, evangélicos, católicos, espíritas, umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras, ateu e judaica.

A escola é um lugar de interação social, de transformação de realidades, a partir da perspectiva de inclusão e do reconhecimento das diferenças, um espaço privilegiado para o debate de questões relacionadas à diversidade, pois reúne pessoas com diferentes culturas, escolhas, formas de pensar e agir, tendo como um dos objetivos contribuir para a formação cidadã e para o desenvolvimento pleno do ser humano, portanto é um lugar propício para a construção coletiva de uma cidadania pautada no diálogo, na reflexão e na conscientização do respeito às diferenças, sendo fundamental no ambiente escolar e no convívio em sociedade.

## **2 | A IMPORTÂNCIA DAS DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

Abordar o *bullying* e o preconceito envolve inúmeras possibilidades e abrange diferentes experiências no cotidiano escolar, conforme aprendemos durante as aulas da disciplina estudada. Entretanto, vamos nos ater às concepções que envolvem gênero e sexualidade, no campo curricular, permitindo compreendermos os seus reflexos na diversidade e inclusão como direito pleno ao desenvolvimento do ser humano.

Vivemos em uma sociedade heterogênea; nela, a discriminação e o preconceito ainda são evidentes, sem contar a violência escolar que, dependendo da maneira como ocorre, pode ser caracterizada como *bullying*, praticado em qualquer lugar, porém, com maior incidência no âmbito educacional que, muitas vezes, são desencadeadas em decorrência

da discriminação ou do preconceito, seja envolvendo questões étnico-racial, orientação sexual, características físicas ou psicológicas que divergem das pessoas regulares. Situação como essas, quando não são objeto de diálogo na escola com intervenções pedagógicas efetivas, contribuem para que tenhamos uma sociedade preconceituosa, racista e homofóbica.

O respeito às diferenças, independentemente de qual seja, ainda é algo que necessita de avanços, na escola e na sociedade em geral. A escola é um aparelho ideológico de fundamental relevância nesse aspecto, uma vez que ali se reverberam costumes e cultura, constrói-se pensamento crítico e emancipa-se o ser humano para que possa afastar-se da ideologia dominante e excludente que permeia a sociedade atual.

Assim, para que possamos ter uma sociedade democrática, pluralista e inclusiva, que não discrimine o seu próximo, é necessário rever as práticas escolares de forma a exercer esse importante papel, pois o ambiente escolar é um lugar propício para se trabalhar com a conscientização, com a formação cidadã, e com o desenvolvimento de mentes, em que os alunos aprendam a viver em sociedade uns com os outros, sem excluí-los pelas suas diferenças.

Alguns indivíduos podem experimentar o *bullying* de maneira discriminatória ou preconceituosa. Algumas religiões possuem uma caracterização de imagem bem distinta. As determinações religiosas podem refletir no tamanho do cabelo, tipos de roupas e/ou ausência de maquiagem, enfim, no uso de símbolos e marcas que exercem papel relevante na profissão da fé e as identificam como uma marca da diferença.

O quadro de *bullying* nesses casos, agrava-se quando algumas crianças, por motivos religiosos, são impedidas pelos pais ou responsáveis de participarem de manifestações culturais, como festas juninas. É fundamental o respeito à observância das crenças da criança em respeito à sua individualidade, sendo necessário, para além da adaptação curricular e em sala de aula, a escola rever uma série de encontros coletivos que traz a exclusão para o ambiente escolar, reversamente à construção coletiva, tais como festas com escopo religioso ou datas familiares. Além disso, corpos com linguagem corporal distinta e aparência que destoam do senso comum estão presente na escola como um ambiente que reflete a pluralidade social. Nesses casos, a orientação sexual de alguns alunos pode ser alvo de *bullies* (PEREIRA, et al., 2014).

Mourão, Melo e Magalhães-Neto (2020) entendem que a escola é um espaço de vivência de conflitos raciais, pois existe na prática uma relação de convívio entre alunos negros, brancos, amarelos, pardos e indígenas, e de orientação sexual que por menor que seja a sua incidência em relação ao racismo, também está presente no âmbito escolar, resultando em situações de discriminação por parte de uns, e de preconceito e introspecção por parte de outros, confirmando a importância da educação e do educador no processo de conscientização de antirracismo e antipreconceito.

## 2.1 Gênero e sexualidade: desafios e perspectivas no campo da educação

No Brasil, o tema Gênero e Sexualidade, nas escolas, ainda é um desafio. Exatamente por isso enfrenta dificuldade de se manter como um conhecimento importante para ser ensinado e construído e para ser operado nas práticas pedagógicas (PARAÍSO, 2016).

A Ideologia de Gênero é um termo usado por pessoas contrárias ao trabalho com o tema gênero e sexualidade nas escolas e desqualificam as produções acadêmicas. Usualmente, o grupo resistente a esta inserção temática é composto por líderes religiosos conservadores/reacionários que exercem poder político e jurídico, e que têm-se oposto à ciência em razão de crenças religiosas e socioculturais, assim, no contexto escolar, são resistentes a que gênero e sexualidade sejam trabalhados nas instituições de ensino.

Dessa forma, é dificultada a pauta de assuntos tão importantes para que o desenvolvimento pleno do ser humano seja desenvolvido no âmbito educacional. O grupo contestador tem como objetivos interromper as lutas por igualdade entre homens e mulheres, as discussões críticas sobre gênero e sexualidade nas escolas e aos direitos de todas as pessoas que não identificam seus desejos com os desejos dos heterossexuais. O objetivo de interromper as conquistas dos direitos das mulheres e dos grupos LGBTs é evidente nesse slogan (PARAÍSO, 2016).

Sabe-se que a escola é um aparelho ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1970). As discussões de pautas progressistas que afrontam a ideologia dominante de forma a impor avanços nos costumes sexuais encontra especial resistência, porém, como se verá nos números a seguir, é um tema que diz respeito à vida e aos direitos fundamentais, pauta mínima de valores assentados pelo constituinte brasileiro de forma a construir uma sociedade mais livre, justa e pluralista.

Mas, além dessas técnicas e conhecimentos, a escola também ensina as 'normas' do bom comportamento, ou seja, a atitude a ser observada por cada agente na divisão do trabalho, conforme o emprego para o qual ele esteja 'destinado a': regras de moral, consciência cívica profissional, que na verdade equivalem a normas de respeito pela divisão técnica e social do trabalho, e, em última instância, a norma da ordem estabelecida pela dominação de classe. Aprende-se também a 'falar um francês apropriado', a 'redigir' direito, isto é, na verdade (para os futuros capitalistas e seus servidores), a 'comandar' de forma adequada, ou seja, (idealmente) a 'dirigir-se aos trabalhadores' da maneira correta etc. (ALTHUSSER, 1970, p.108).

No Brasil, 69,2% dos casos de violência sexual contra crianças ocorreram em casa e 33,7% tiveram caráter de repetição. Entre 2011 e 2017, foram notificados 184.524 casos de violência sexual no Brasil, sendo 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45,0%) contra adolescentes, concentrando 76,5% dos casos notificados nesses dois cursos de vida. Os dados são de um Boletim Epidemiológico *divulgado pelo Ministério da Saúde, em 2018*.

Nesse cenário, trazemos para a reflexão o depoimento da Professora Tânia, 10

anos de experiência docente, a qual fez parte de um estudo desenvolvido por Marlucy Alves Paraíso, em 2016, por meio de pesquisas realizadas no campo curricular, sobretudo da discussão do Projeto Ideologia de Gênero com um grupo de professores da escola básica que expressou a sua opinião a respeito da temática demonstrando a importância de o tema ser desenvolvido nas escolas.

Dessa forma, ela menciona que

muitas crianças e adolescentes sofrem violência sexual nas famílias, dos próprios parentes, mesmo se gênero não estiver nos Planos Nacionais, Estaduais e Municipais, essas questões aparecem na sala de aula e não tem jeito de não fazer nada. O que pode dificultar que tenhamos formação nessa área de gênero e sexualidade (PARAÍSO, 2016, p. 393).

O relato da Educadora faz parte da realidade de muitas crianças e adolescentes no Brasil, com que muitos professores também estão propícios a se deparar no dia a dia, não apenas com questões de abuso sexual, doenças sexualmente transmissíveis, mas também com preconceito e discriminação, desencadeados pela orientação sexual escolhida pelo indivíduo. Tais situações provocam o seguinte questionamento: como trabalharmos com essas experiências e vivências negativas, na escola, se o grupo que rotula o Gênero e a Sexualidade como Ideologia de Gênero com base em suas crenças tem poder sociopolítico suficiente para impossibilitar que sejam trabalhados?

Reconhecemos que Gênero e Sexualidade não é um tema simples de ser trabalhado nas escolas. Por ser complexo e delicado, exige do professor um grande preparo para desenvolver esta temática de maneira eficiente.

## **2.2 Gênero e sexualidade: sua relação com a prática do *bullying***

O *bullying* homofóbico e transfóbico é um dos mais frequentes e ocorre em encontros escolares onde prevalecem fortes expectativas de gênero em comportamentos, atitudes, expressões e papéis, punindo assim aqueles que não se enquadram nos estereótipos masculinos e femininos. Qualquer criança e adolescente pode ser alvo de *bullying* homofóbico independentemente de sua orientação sexual e identidade de gênero. No entanto, os jovens que se identificam como gays, lésbicas ou trans tendem a sofrer mais. As evidências mostram que a convivência escolar no país tende a subestimar a diferença e a diversidade, sendo fortemente marcada pela violência entre os membros da comunidade educacional. A agressão com conotações homofóbicas e sexistas é uma prática recorrente nas escolas (DE MATTOS; JAEGER, 2015).

Escolas e institutos são peças fundamentais na socialização na infância e na adolescência, bem como nos processos performativos e de construção identitária. A sociedade é cada vez mais plural e este fato também se evidencia na pluralidade da diversidade afetivo-sexual e de gênero que está presente em todas as áreas da vida e, portanto, também nas nossas salas de aula. Mesmo assim, é importante estar ciente de que em nossos espaços educacionais existe um problema que os alunos sofrem: o *bullying*

(BAZZO, 2020).

O *bullying* é uma relação assimétrica de poder no contexto educacional, por meio de comportamentos agressivos ou preconceituosos que persistem ao longo do tempo e não ocorrem ocasionalmente. Os alunos habitualmente sujeitos ao preconceito pertencem a comunidades minoritárias, de grupos estigmatizados pela sociedade ou de pessoas com características individuais que os percebem indesejáveis e/ou negativas, como excesso de peso, defeitos de fala ou orientação sexual diferente de heterossexual (QUADRADO; DA SILVA FERREIRA; LIMA, 2018).

Como o preconceito é uma atitude e o *bullying* uma forma de ação, poder-se-ia pensar que esse último é uma das ações derivadas do preconceito; o fato de ser uma expressão mais primitiva do que o preconceito, no entanto, contraria essa derivação. Certamente, os alvos do preconceito podem ser hostilizados durante um longo período repetidamente e não ter condições de reagir; tal violência, no entanto, pode ser justificada pelos estereótipos ou mesmo por argumentos mais bem elaborados, ainda que irracionais; o *bullying*, no entanto, não precisa ser justificado, precisamente porque não pode ser; na marginalização e na segregação, podemos encontrar maneiras indiretas pelas quais o preconceito se revela, maneiras que não precisam se repetir, mesmo porque, por vezes, o alvo do preconceito pode incorporar o estereótipo proveniente dos movimentos coletivos que lhe são contrários; o alvo de discriminação proveniente do preconceito pode sentir vergonha de pertencer a grupo que o faz ser alvo da violência; a vítima do *bullying* sente vergonha por não poder reagir (CROCHÍK, 2015. p. 8).

Especificamente, o *bullying* praticado em razão da orientação sexual, identidade e/ou expressão de gênero tem recebido na última década um interesse crescente por ações de prevenção de diferentes frentes da sociedade, agentes sociais, políticos e institucionais, como a academia, o ativismo de associações lésbicas, gays, bissexuais e trans, a mídia, instituições públicas e/ou comunidades educacionais (DE MATTOS; JAEGER, 2015).

Desde a década de 60 do século XX ocorreram transformações socioculturais que afetaram profundamente as relações de gênero e as formas de viver a sexualidade. A crítica feminista e os movimentos LGTB, juntamente com a produção acadêmica, discutiram as ideias universalizantes e naturalizadas sobre o masculino e o feminino. Da mesma forma, questionam a patologização e a criminalização de corpos, experiências e identidades que não podem ser lidas em termos de coerência entre sexo (homem / mulher), gênero (masculino / feminino) e desejo (heterossexual), embora tais críticas impactem de forma desigual os diferentes grupos sociais, produzindo coexistência de práticas e significados sobre gênero e sexualidade (QUADRADO; DA SILVA FERREIRA; LIMA, 2018).

Essa naturalização se propaga pela sociedade mediante seus aparelhos ideológicos, tais como a família, a comunidade religiosa, a escola, o direito, a mídia, assim e, também, os demais membros da comunidade escolar, para a consciência crítica em torno dessas questões, é indispensável para que se rompa o ciclo vicioso em direção a um círculo virtuoso. Neste aspecto, a discussão sobre o *bullying* homofóbico e transfóbico faz parte

desse rompimento em direção ao pensamento emancipado.

Muitos são os estudos que se referem às agressões sofridas por adolescentes e jovens e alguns também às vivenciadas por meninos e meninas que não se adaptam aos papéis sexuais, mesmo que se considerem heterossexuais. Também temos um número menor de investigações sobre as experiências de transexuais na adolescência ou na escola (BAZZO, 2020).

Essas investigações apontam para uma invasão gravíssima no ser dessas crianças e adolescentes. A evasão escolar é um dado preocupante, especialmente em função de transfobia, por isso,

falar em coibir a discriminação em razão de orientação sexual e identidade de gênero implica única e exclusivamente proteger as crianças LGBT nas escolas, respeitando sua sexualidade ou o gênero com o qual se identificam, ao passo que falar em coibir a discriminação por gênero significa proteger as meninas (cisgêneras ou transexuais) dos efeitos do machismo. Significa unicamente proibir o *bullying* homofóbico, impor o respeito às identidades LGBT (sem “fazer apologia” nenhuma orientação sexual ou identidade de gênero, apenas ensinar crianças e adolescentes que colegas LGBT devem ser respeitados/as) e enfrentar o machismo nas escolas. Quem se opõe a isso não se pode dizer verdadeiramente comprometido(a) com os direitos humanos (VECCHIATTI, 2015, p. 14).

A homofobia foi analisada em muitas ocasiões como um elemento isolado no nosso sistema sociocultural e, ainda assim, é apenas a parte mais marcante de uma estrutura que ataca muitas formas de ser e de sentir. Apesar da “revolução” que vivemos desde o final da década de 1950, e principalmente a partir da década de 1960, o modelo de nossos avós baseado na sexualidade reprodutiva continua como normativo, embora com algumas transformações importantes (DE MATTOS; JAEGER, 2015).

Várias investigações tentaram extrair as características comuns das vítimas e dos agressores. Até o momento, não surgiram estudos que investigam as características dos agressores homofóbicos e apenas algumas das vítimas de *bullying* homofóbico foram analisadas, como veremos adiante. Portanto, recomendamos tomar esses dados com cautela, embora pensemos que certamente alguns deles podem ser generalizados para o fenômeno em questão. É muito difícil encontrar o perfil da própria personalidade dos agressores e existem vários mitos que devemos evitar, como o de que vêm de áreas com menos recursos, que pertencem a gangues organizadas ou que é um fenômeno mais frequente em centros públicos (QUADRADO; DA SILVA FERREIRA; LIMA, 2018).

Um dos fatores determinantes no *bullying*, como vimos anteriormente, é o desequilíbrio de poder que faz com que a vítima se sinta impotente. No *bullying* homofóbico, esse fator é potencializado pela invisibilidade da diversidade do desejo sexual. Quando preparamos este manual e perguntamos a conselheiros e a professores sobre suas opiniões, surpreendentemente muitos deles responderam que em seus centros ou classes “não há gays, bissexuais, lésbicas ou transexuais” ou que eles constituem uma minoria

excepcional, o que é lembrado de forma anedótica (BAZZO, 2020).

Constata-se, com isso, exatamente a naturalização da questão na sociedade, inclusive, entre os educadores, motivo pelo qual discussões em direção à construção de conhecimento e de transmissão deste entre os membros de toda a comunidade escolar é indispensável para ter início o rompimento do ciclo.

Assim, ressalta-se a importância da educação sexual e *anti-bullying* nas escolas. Compreende-se a educação sexual como aspecto da educação geral e se constitui como um processo contínuo que se diferencia em educação sexual formal e informal. Vieira (2016) também discute os modelos de educação sexual, ao conceituar a educação sexual informal como aquela que não é intencional, envolvida por um processo global no cotidiano como acontece nos ambientes familiares, religiosos, nos quais se transmite normas, valores e concepções; e a educação formal como uma educação intencional, deliberada, institucionalizada, planejada, feita dentro ou fora da escola como em programas de intervenção ou aulas e ainda em cursos.

Para Furlani (2013), a educação sexual como elemento contínuo pelo qual as pessoas são influenciadas a todo o momento, como um conjunto de fatores nos quais os/as indivíduos estão expostos. A educação sexual, vista aqui como uma parte da educação global, sofre modificações de acordo com o contexto histórico e as interações políticas, econômicas e sociais do país ou da região analisada.

Pode-se dizer que educação sexual é a que considera sexualidade como aspecto intrínseco aos seres humanos, em todos os ciclos de vida, caracterizada pela continuidade baseada em princípios claros de um processo permanente, crítico-reflexivo (FURLANI, 2013). Uma educação sexual que desconstrua, que tenha como principal papel “desestabilizar as ‘verdades únicas’, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção” (FURLANI, 2013, p. 70).

Mayer (2013, p. 13) também faz considerações nessa linha de pensamento, ao trazer que é preciso

[...] investir em projetos de educação com focos voltados para o desenvolvimento da capacidade de elaborar perguntas e não com foco por respostas prontas como apresenta os modelos atuais de ensino-aprendizagem; das certezas, para a dúvida e para a provisoriedade com enfoque que estimule a desnaturalização de coisas que aprendemos a tomar como dadas.

Dantas (2016), em seu estudo cujo objetivo é a validação do recurso pedagógico “Puberdade: o que acontece comigo?” para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de pré-adolescentes, faz referência à importância de se compreender que a educação é um processo de construção de conhecimento que ocorre em condição de complementariedade; por um lado, os estudantes e professores; por outro lado, os problemas sociais atuais e o

conhecimento já construído.

Convergem-se aqui os pensamentos de Dantas (2016) segundo os quais “o educador não deve ser o único responsabilizado pelos desafios educacionais, não sendo justo culpá-lo sem levarmos em conta o contexto social que vem sofrendo uma devastadora colonização operada pelo mercado capitalista neoliberal”. Segundo Dantas (2016, p. 11), os mercados capitalistas neoliberais “não visam educar para a liberdade, para o conhecimento de si e dos outros, mas para formar pessoas capazes de se adequarem à lógica vigente”.

Ainda sobre os educadores, viu-se nas pesquisas estudadas que muitos profissionais não se sentem seguros/as para trabalhar sobre a educação sexual com crianças e adolescentes, ainda fazem uso de formas de educação sexual na qual se trabalha o aspecto biológico da sexualidade.

Vieira (2016, p. 7) observa que “algumas instituições de ensino básico sinalizam um despreparo técnico com a falta de informações recentes sobre sexualidade” e sua pesquisa apontou como um dos resultados o desconhecimento sobre informações básicas por parte dos professores.

Liz (2016), Vieira (2016) e Dantas (2016) assentem que é necessário que os educadores sejam capacitados a irem, em suas intervenções, além do modelo biológico, com discussões e reflexões sobre a sexualidade como uma dimensão socialmente construída, contemplando as perspectivas físicas, psicológicas, emocionais, culturais e sociais.

### 3 / METODOLOGIA

O presente artigo é um recorte da disciplina de Mestrado intitulada “Tópicos Especiais em Educação: Educação Escolar, Formação e Teoria Crítica – Formas de Violência Escolar: *Bullying* e Preconceito”. No decorrer do percurso, estudamos diversos teóricos. Este artigo se baseia primariamente na revisão de literatura, pautando-se em trabalhos que discutam o *bullying* e a relação com o preconceito e a discriminação no contexto escolar.

Primeiramente foi realizada uma seleção de material bibliográfico que se aproximava do tema proposto neste trabalho e a prática pedagógica visada. Existem diversas produções sobre os temas levantados, portanto, após o levantamento, a seleção se baseou no critério de afinidade e proximidade com o tema estabelecido. Tal levantamento focou-se primariamente em livros, artigos científicos e entrevistas. Posteriormente realizou-se leitura, fichamento e análise das obras selecionadas, focando-se em suas contribuições para a produção de conhecimento referente ao *bullying* e o preconceito e seu potencial emancipatório, direitos humanos, educação democrática, desenvolvimento de uma prática pedagógica consciente e combativa as desigualdades de gênero, preconceitos e discriminação quanto a sexualidade.

A revisão de literatura oportuniza aos pesquisadores a elaboração de textos a partir

de uma perspectiva histórica sobre determinado tema, tanto em nível nacional quanto internacional, dependendo da abrangência, exigindo assim expertise como condição básica para o crescimento de pesquisas sobre a área de estudo. (DORSA, 2020).

O segundo momento foi dedicado à leitura, fichamento e análise das obras estudadas, evidenciando-se a importância da educação na produção de conhecimento para a diversidade e inclusão como direito ao desenvolvimento pleno do ser humano, o quanto as temáticas bullying, gênero, sexualidade e violência escolar são necessárias de serem trabalhadas e debatidas no contexto escolar, com o objetivo de que a discriminação, o preconceito, a violência e a exclusão estejam cada vez menos presentes entre as crianças e os adolescentes.

Nessa empreitada, foi possível perceber uma aproximação de diferentes áreas de conhecimento principalmente no campo da Educação, que passaram a desenvolver estudos mais consistentes elegendo novos métodos, objetivos e focos. Desse modo, este estudo se inscreve numa possibilidade preliminar sobre gênero e sexualidade e a sua relevância na produção de conhecimento para a diversidade e inclusão como direito ao desenvolvimento pleno do ser humano.

## 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização deste estudo, observamos os desafios para que o tema gênero e sexualidade sejam trabalhados no âmbito escolar, na perspectiva da inclusão, do respeito as diferenças e da prevenção ao preconceito e as práticas de *bullying*, ao mesmo tempo que se observa a importância do tema ser desenvolvido na escola, entretanto, é importante que os professores estejam preparados por meio de formações continuadas, tendo em vista a complexidade do assunto para que possa ser discutido com um olhar pedagógico, visando a prevenção do *bullying* e do preconceito.

É impossível não pensar nos valores transmitidos pela mídia, no incentivo por competição, desigualdade social e o diferente, portanto as vítimas na sua grande maioria se destacam por inúmeros motivos, entre eles a orientação sexual, o que muitas vezes desencadeiam o preconceito e a discriminação, por isso é necessário que o professores estejam em constante observação e em contato com a família no que se trata do comportamento emocional dos alunos, pois, na maioria das vezes, a vítima opta pelo silêncio, seja por sentir vergonha e/ou fraqueza; por esse motivo, o trabalho de intervenção da equipe escolar é de suma importância.

É necessário também o professor compreender como o trabalho pedagógico deve ser realizado, tanto na prevenção como na remediação do *bullying* e do preconceito. A participação do gestor também tem grande impacto nas ações da instituição. Pelas programações escolares, é possível envolver a família na escola, por meio de reuniões e outras estratégias educativas, mesmo que não formais, e de fato fazer uma conexão

entre as duas “classes” da sociedade acadêmica. Essa integração torna-se uma grande arma contra a iniciação, propagação e continuação da violência, seja ela física, psicológica, moral, sexual, social ou verbal.

Faz-se importante que a equipe escolar conheça os motivos que geram o preconceito, saber o que é o *bullying*, seus tipos, suas consequências e saber identificar os protagonistas desse comportamento repugnante. Por meio da observação e do conhecimento sobre o fenômeno e seus alunos, é possível prevenir essas práticas de maneira eficaz.

Entende-se que a organização dos registros de ocorrências pode ajudar nas medidas cabíveis, de forma preventiva e punitiva; e com uma atitude firme de repúdio ao comportamento violento, podem minimizar os constrangimentos.

Esta pesquisa contribui para que a equipe escolar compreenda o trabalho pedagógico que deve ser exercido em relação à prática do *bullying* e do preconceito no âmbito educacional, desencadeada, muitas vezes, por questões envolvendo gênero e sexualidade, visando à prevenção e à redução desses índices, para que os processos de ensino e aprendizagem e a formação integral da criança e do adolescente não sejam comprometidas. Novas pesquisas precisam ser realizadas para que cada vez mais o conhecimento sobre este tema tão importante e que merece atenção torne-se mais amplo.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre gênero, sexualidade e *bullying*, voltados para uma sociedade mais justa e igualitária, vêm sendo desenvolvidos em diversas áreas, especialmente na educação, e seus programas são, em sua maioria, vinculados a instituições públicas, com ênfase para a região Sudeste, mais especificamente a região de São Paulo (a UNESP que possui Programa de Mestrado em Educação Sexual).

A produção em educação sexual voltada para a emancipação é pequena; as temáticas abordadas nas pesquisas são muito férteis e a maior parte dos trabalhos está voltada ao desenvolvimento no campo da educação e para o ambiente escolar.

Por meio da análise das publicações, ficou constatado, ainda, que há a compreensão, entre os pesquisadores, de que o surgimento da sexualidade, como ciência, fez reproduzir um olhar normatizante sobre a sexualidade, sendo necessário mudar este prisma para pensar a sexualidade como algo que se constrói e aprende, nos âmbitos que compõem a subjetividade e que se conectam não apenas ao prazer, mas a outros elementos como a afetividade, a autonomia e a liberdade, na condição de constructo sociocultural e histórico.

Depreende-se, ainda, da revisão do estado da arte, que as pesquisas manifestam a necessidade de se trabalhar com gênero e sexualidade com crianças e adolescentes para seu desenvolvimento saudável e para a desconstrução de padrões, compreendendo seus desejos e pensamentos e favorecendo a expressão de suas sexualidades, construindo mentes que respeitem a individualidade de cada sujeito, sem o discriminar ou exerce

comportamentos preconceituosos.

Existem poucos trabalhos em gênero e sexualidade, e identificado que os docentes sentem dificuldades em realizar o trabalho de educar sexualmente, seja pelos limites pessoais e/ou lacuna na formação, seja pelas construções culturais e religiosas, tabus, preconceitos e convenções e rotinas profissionais, ficando patente o sentimento da necessidade de formação/assessoramento em Educação Sexual a docentes atuantes.

Para além da educação sexual, é indispensável a inserção da temática de forma natural no dia a dia escolar, como, por exemplo, ao trabalhar com as estruturas organizativas da sociedade em geografia, por que não o exemplo de uma família homoafetiva? O assunto perpassa, portanto, repensar festas familiares, reconstruir materiais escolares, instrumentalizar educadores e inserir o tema no dia a dia, mas também nos estudos sobre a sexualidade.

Repensar uso de banheiro por pessoas trans, a possibilidade de uso de uniformes e de roupas, além de cabelos e o que mais for necessário para a afirmação da identidade, construir ambientes que respeitem a individualidade, de tal forma que, em um ciclo virtuoso, as mudanças que paulatinamente se constroem no ambiente escolar se reflitam e ecoem por toda a sociedade, construindo, com isso, uma país com maior igualdade e uma sociedade menos preconceituosa.

Emerge daí a demanda por políticas públicas que tornem possível atingir esse processo de apoio material, instrumental e educador, desde a atividade fim do ensino às tecnologias sociais disponíveis e de gestão, abrindo espaços de diálogo para a vivência do assunto com naturalidade e criatividade, capacitando as pessoas a buscarem informações por si mesmas, auxiliando a construção de sua autonomia a partir da sexualidade.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, LOUIS. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Quêz de Baixo: Editorial presença, 1970

BAZZO, Juliane. Falar de bullying sem dizer do gênero: dilemas do Programa Nacional de Combate à Intimidação Sistemática nas escolas brasileiras (Lei n. 13.185/2015). **Anuário Antropológico**, n. III, p. 223-245, 2020.

CROCHÍK, J. L. Manifestações de Preconceito em relação às etnias e aos deficientes. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, *LIII*, n. 118, p. 89-108, 2004.

CROCHÍK, J. L. Formas de Violência Escolar: Preconceito e Bullying. **Movimento - Revista de Educação**, v. 2, nº 3. 2015.

DANTAS, N. P.M. **“Puberdade: o que acontece comigo?”** - Validação de um recurso pedagógico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Alagoas, Escola de Enfermagem e Farmácia – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. 2016. 132 f.

DORSAL, A, C. O papel da revisão de literatura na escrita de artigos científicos. **Revista Interações**, Vol. 21, nº 4, jul/set. 2020.

DE MATTOS, Michele Ziegler; JAEGER, Angelita Alice. Bullying e as relações de gênero presentes na escola. **Revista Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 21, n. 2, p. 349-361, 2015.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual: Possibilidades Didáticas**. LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**: Editora Vozes, 2013.

FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

LIZ, D. M.de. **Sexualidade e regimes de verdade: uma análise genealógica dos discursos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, Santa Catarina, 2016. 142 p.

MOURÃO, Nádia; MELO, Elias; MAGALHÃE-NETO, Anibal. O Papel da Educação Física no Combate à Discriminação Racial na Escola com a Parceria do Psicólogo. **Revista Psicologia e Saúde em Debate**. v. 6, n. 1. Jul. 2020, p. 119-135.

PARÁISO, A. M. A Ciranda do Currículo com Gênero, Poder e Resistência. **Revista Currículo Sem Fronteiras**. V. 16, n. 3, p. 388-415/ set./ dez. 2016.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; DA SILVA FERREIRA, Ewerton; LIMA, Eduardo. Bullying No Ambiente Escolar: Relações De Gênero Em Pauta. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 4, 2018.

VIEIRA, M. I. dos S. **Orientação sexual e HPV: as concepções docentes e a construção de uma proposta colaborativa de formação continuada para professores para ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas. 2016. 99p.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. Escolas devem abordar gênero e sexualidade para proteger alunos(as) LGBT. **Justificando**, 2015.

**A**

Abuso sexual 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 197

Alfabetização 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 93, 99, 102, 183, 259

Análise textual discursiva 17, 19, 21, 22, 24

Aprendizagem 24, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 70, 71, 72, 75, 76, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 153, 154, 158, 160, 163, 165, 166, 170, 171, 172, 173, 175, 177, 178, 193, 200, 203, 210, 233, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 252, 260

Aprendizagem significativa 173, 175, 177, 178, 240, 241, 242

Aprendizaje convergente 25, 26, 29

Aprendizaje divergente 25, 26, 29

Autonomia 20, 44, 50, 66, 69, 111, 112, 116, 119, 126, 165, 171, 203, 204, 231, 232, 233, 235, 237, 243, 244, 245

Avaliação 20, 22, 24, 38, 40, 41, 44, 74, 77, 103, 105, 106, 108, 110, 117, 123, 141, 176, 177, 209, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Avaliação formativa 110, 239, 241, 242, 243

**B**

Bullying 40, 61, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

**C**

Cidadania 48, 58, 61, 62, 64, 66, 67, 69, 99, 101, 173, 174, 175, 194, 231, 232, 237, 242, 243

Civic culture 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 14

Comunidade Quilombola 179, 180, 181, 182

Construto 136

Contos de fadas 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 167, 170, 171, 172

Currículo 73, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 145, 173, 174, 175, 176, 177, 205

**D**

Deficiência visual 251

Democracia 55, 65, 67, 68

Didática 49, 105, 107, 110, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 153, 162, 218, 250

Discriminação 34, 60, 61, 63, 64, 163, 164, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 202, 205, 242

## E

Educação 17, 18, 19, 20, 24, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 92, 94, 95, 97, 101, 102, 103, 105, 107, 108, 117, 119, 129, 130, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 170, 171, 172, 175, 176, 183, 191, 192, 193, 195, 196, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 217, 218, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 249, 250, 259, 260

Educação infantil 33, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 165, 170, 171, 172

Educação sexual 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 200, 201, 203, 204, 205

Educommunication 1

Ensino-aprendizagem 75, 105, 106, 109, 115, 133, 135, 137, 153, 154, 158, 160, 163, 165, 170, 171, 200, 248

Ensino militar 103, 105

Ensino regular 17, 18, 19, 20, 22, 23

Ensino remoto 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 119, 206, 211, 215, 217

Estilos de pensamento 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

Estudante 25, 78, 79, 82, 83, 88, 90, 145, 147, 148, 149, 151, 240

## F

Fake news 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Finanças 231, 232, 233, 235, 236, 237

Formação dos professores 117, 239, 241, 248

## G

Gamificação 118, 119, 128, 129, 130, 132, 133

Gênero 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 164, 181, 182, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205

Genética 145, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258

## H

História da matemática 206, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218

**I**

Inovação educacional 239, 241, 242, 245, 248, 249

Instrumentos avaliativos 239, 240, 241, 243, 245, 247, 248, 249

Intervenção pedagógica 32, 207

Inventário de hábitos de estudo 79

Isolamento social 93, 219, 220, 222, 224, 225, 228, 229, 230

**L**

Leitura 21, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 54, 57, 74, 75, 77, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 184, 190, 191, 201, 202, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248

Letramento 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 132, 259

Lógica pedagógica 103, 104, 105, 106, 115

Logros acadêmicos 78, 79, 80

Logros de aprendizagem 78, 79, 84

**M**

Matemática 24, 44, 88, 96, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 206, 208, 209, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 259, 260

Metodologia 19, 21, 45, 50, 57, 71, 77, 96, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 114, 117, 118, 124, 128, 129, 130, 132, 138, 139, 143, 153, 154, 156, 158, 159, 182, 184, 187, 201, 205, 219, 222, 231, 241, 245

Metodologias inventivas 179

Modelo didático 251, 252, 253, 254, 256, 257

**N**

Narrativas de mulheres 179, 181

Neuropsicopedagogia 32, 33, 37

Números inteiros 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

**O**

Orçamento 231, 232, 233, 234, 236, 237

**P**

Pedagogia 32, 33, 37, 50, 51, 68, 69, 106, 107, 135, 136, 155, 171, 259, 260

Perspectivas de professores 92, 93

PIBID 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 118, 119, 132, 259

Prática pedagógica 55, 57, 63, 66, 67, 69, 71, 76, 105, 106, 109, 116, 163, 165, 171, 173, 193, 201, 241, 242, 246

Preconceito 64, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 201, 202, 203, 204

Programa ensino integral 17, 18, 19

Programa residência pedagógica 206, 207, 210, 217

## S

Sexualidade 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Síntese proteica 251

Sistema de escrita alfabética 43, 45

Social inclusion 1, 5, 8, 12, 14

## T

Tecnologia 46, 47, 48, 92, 100, 118, 127, 130, 131, 132, 209

Transmedia storytelling 1, 2, 8, 10

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Atena  
Editora  
Ano 2022

**Vol 2**

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2022

**Vol 2**